



# AFRONTAMENTO: O EMPODERAMENTO NEGRO ATRAVÉS DA ESTÉTICA NAS PERIFERIAS

**Palavras-Chave:** EMPODERAMENTO, ESTÉTICA, AFRO-DIÁSPÓRICA, IDENTIDADE.

**Autoras:**

**Sabrina Savani Sena [UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP]**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> SELMA MACHADO SIMÃO (orientadora)**

**[UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP]**

---

## INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa buscou compreender as formas que pessoas negras (pretos e pardos) vêm promovendo o orgulho e empoderamento negro da estética afro diaspórica, advinda principalmente das periferias, através das redes sociais (Youtube, Instagram, Facebook, entre outros) na última década. Além disso, analisaremos como estes fenômenos se configuraram como formas de mobilização e influência nas suas atuações dentro destes grupos, tanto nos âmbitos sociais quanto políticos ou até mesmo como uma proposta voltada ao ciberativismo<sup>1</sup>.

Inicialmente, a pesquisa tinha um caráter qualitativo que se baseava na análise de narrativas, mas com o agravamento da pandemia no país, houve alguns percalços que mudaram o desenvolvimento da mesma, uma vez que o acesso à elas foram dificultado tanto em questão de comunicá-las, como de acessá-las de forma segura, já que, a exaustão de estar nesse formato por muitas horas, fez com que as pessoas se ausentassem o máximo possível de qualquer contato via vídeo chamada ou ligações. No entanto, também não gostaria que a pesquisa tivesse como base o preenchimento de formulário, muito menos que ele fosse realizado online. Dessa forma, as entrevistas que seriam realizadas presencialmente foram substituídas por uma intensificação na análise de materiais produzidos sobre a temática ou que abordam elas “indiretamente”, como por exemplo, vídeos, documentários, trabalhos artísticos, festas, além de materiais teóricos.

Portanto, foi realizado uma análise documental a partir do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989) sobre jovens negros advindos da periferia, tanto de materiais teóricos, como imagéticos, coletadas de redes sociais, plataformas de streaming e de eventos que perpassam pela questão estética afro-diaspórica conjuntamente com um mapeamento do que se entende por “*geração tombamento*”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> O ciberativismo é entendido como um conjunto estratégias, práticas e ações caracterizadas por Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) para a produção e compartilhamento de discursos contra hegemônicos que são realizadas na Internet e que buscam uma mudança social. (SILVA, 2019, p. 18)

<sup>2</sup> (...) é uma mistura de afirmação da sua ancestralidade como criação de uma possibilidade histórica e essa característica a aproxima do Afrofuturismo, por colocar a estética de matriz africana como possibilidade, como algo positivo e orgulhoso que pode não somente voltar os olhos para o passado, mas também planejar um futuro. (SANTOS, 2017, p.77)

## METODOLOGIA:

Para a realização da pesquisa optamos pela análise qualitativa fundamentada na revisão bibliográfica sobre estética afro-diaspórica, *geração tombamento*, empoderamento, estética periférica, identidade negra e questões raciais e seus impactos na construção do território e da formação da identidade negra, ciberativismo e as influências da tecnologia para essa população.

Inicialmente, para além da revisão bibliográfica, pretendíamos realizar análise narrativa a partir dos fundamentos de Connelly e Clandinin (2000) em cima das entrevistas cedidas por jovens negros periféricos, porém, com o a segunda onda da covid-19, houve a mudança da metodologia para revisão bibliográfica com análise documental de imagens, trabalhos artísticos, entre outros, envoltos na temática. Dessa forma, optou-se pelo uso do conceito de *escrevivência*<sup>3</sup> de Conceição Evaristo:

[...] a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil. Esse conceito estético que está fundado no termo que eu uso, “*escrevivência*”, nasce de um processo ligado à História. A História dos africanos nas Américas. (Evaristo, 2018)

Assim, sendo possível traçar perspectivas e resultados sobre a temática com entrevistas de jovens negros oriundos da periferia que hoje compõe a classe artística, como é o caso das entrevista de Karol Conká, Tasha e Tracie Okereke no documentário *Afronte* dirigido por Juliana Vicente e as entrevistas de Taísa Machado e Jessé Andarilho na coleção *Cabeça da Periferia*, organizado por Marcus Faustini, o vídeos da intervenção Descoloração Global e a exposição e o catálogo de *Pardo é Papel* de Maxwell Alexandre, artista visual que nasceu e ainda reside na Rocinha, no Rio de Janeiro, entre outros eventos e documentos, como é o caso dos registros de festas como a Batekoo, a festa AMEM e Marcha do Orgulho Crespo.



(Figura 1) Imagem retirada do vídeo da intervenção "Descoloração Global" do artista Maxwell Alexandre que integrou a programação da

<sup>3</sup> (...) os três elementos formadores da escrevivência: corpo, condição e experiência. O primeiro elemento reporta à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. A representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. O segundo elemento, a condição, aponta para um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra. A experiência, por sua vez, funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e poder de persuasão à narrativa. (OLIVEIRA, 2009, p. 622)

## DISCUSSÃO:

O Brasil é compreendido muitas vezes como um lugar onde existe a conciliação entre raças, criado a partir do mito da “democracia racial”, uma vez que, foi constituído por brancos, negros e indígenas. No entanto, ignora-se a forma violenta como tudo isso aconteceu (com a invasão da terra dos povos nativos pelo portugueses, inicialmente, e com a escravização de africanos de diversas etnias, que inclusive, nem sempre viveram em harmonia), como se a mestiçagem tivesse acontecido de forma consentida, mas, ainda assim a mestiçagem tornou-se uma característica marcante do povo brasileiro, já que “acabou com a pureza racial” dos descendentes europeus, deste modo, acabou contribuindo para uma identidade única do que é “ser brasileiro”, e é assim que Gilberto Freyre ao menos apresenta a sociedade brasileira em *Casa grande e senzala* (1933).

No entanto, o que constatamos, é que negros e indígenas foram e permanecem em lugares de inferioridade aos brancos em todos os campos, seja na questão econômicas, sociais, políticas e culturais, evidenciando que essa democracia racial nunca foi de fato alcançada.

Desse modo, ainda hoje, tudo que não está ligado à cultura europeia sofre com as consequências da colonização, e é sempre visto com o olhar estrangeiro, como o *Outro*, entendendo que, o branco europeu é a norma, e o sujeito universal. Portanto, segundo KILOMBA (2019), compreende-se o *Outro* como aquilo que o sujeito branco não quer ser relacionado. Dessa forma, por muito tempo a ciência alegou que esses grupos “minoritários” ignoravam tudo aquilo que se referia à inteligência, citando a manufatura, a arte e a ciência MACHADO (2014).

E é dessa maneira que constitui-se a sociedade que conhecemos atualmente, que de acordo com Clemente e Silva (2012, p. 88) de que embora, em nossa história, inexistam registros de legislação segregacionista, nota-se a persistência de formas indiretas que separam “aqueles que são considerados indesejáveis, consolidando [assim] uma política de afastamento do negro daquelas regiões tidas como as melhores. (Apud SILVA, 2012, p.104)

Então, é plausível entender que o que a *geração tombamento* busca em suas práticas e vestimentas é um processo de retomada, inclusive, daquilo que pessoas negras nunca acessaram ou que acessaram de forma dilacerada, seja sobre as suas origens ancestrais ou, sobre ocuparem todas as camadas sociais e estarem e existirem em qualquer espaço. E que esses demarcadores sociais presentes na estética periférica não podem limitar as pessoas de frequentarem, estarem ou serem detentores de determinado conhecimento ou material, além de, entender a importância da autoestima para sua existência no dia a dia e compreender que seus saberes são tão válidos e importantes quanto os que costumamos receber em determinados espaços, como nas instituições escolares, por exemplo. E desse modo, construir outros futuros possíveis.

Nilma Lino Gomes, afirma que no Brasil o cabelo é um demarcado de boa parte das tensões identitárias e que ele faz com o que aconteça um rompimento entre o individual e o grupo étnico a que se pertencem com a revalorização considerando que:

(...) sobretudo do cabelo, na maneira como o negro se vê e é visto pelo outro, inclusive aquele que consegue algum tipo de ascensão social. Para esse sujeito, o cabelo não deixa de ser uma forte marca identitária e, em algumas situações, continua sendo visto como estigma de inferioridade. (GOMES, 2019, p. 30)

Para além disso, Gomes procura entrevistar pessoas de determinada classe social para ver os impactos que a mobilização financeira faz nas experiências em relação à expressão da estética negra. Pensando que, as relações de pessoas negras com a sua imagem interferem diretamente

sobre a distorção ou ressignificação de determinadas figuras, a manutenção de estereótipos e as relações sociais podem permanecer desiguais ou se fazerem mais democráticas.

Essa relação é evidente na fala de um dos visitantes e participantes da intervenção *Descoloração Global*, do artista Maxwell Alexandre no Museu de Arte do Rio (MAR), realizada em 2020 (figura 1), já que, ele afirma:

Eu vejo que é uma sinalização mesmo, além de eu ser estereotipado pelas tatuagens, pela forma de me vestir, eu faço questão de me estereotipar ainda mais com o cabelo, para poder mostrar de onde é minha raiz, que é *made in* favela mesmo. (TAL, 2020, informação verbal)<sup>4</sup>

Deixando evidente que essa construção que ele se apropria com orgulho sinaliza sua origem; Portanto, (Azevedo, 2019) outra questão importante a definir é o que se designa como estética da periferia. Concebo o conceito como uma gama de práticas culturais que tem seu suporte nas tradições, orais, rítmicas, religiosas e corporais da diáspora negra no Brasil. Uma vez que, é a soma desse conjunto que faz com que algo seja designado estética de periferia, entendo que, muitos jovens de classe média “consomem os mesmos produtos”, mas, não sofrem as mesmas represálias, como fica explícito na fala de Tracie Okereke ao afirmar que:

Fora a questão racial, o que te define como uma pessoa “inferior” perante a sociedade é a sua vestimenta, a sua estética. Que agora os *boy*<sup>5</sup> adora, adora usar, e a gente sempre usou Cyclone, Kenner. É muito bonito você falar que gosta disso (põe um *julliete*<sup>6</sup> na cara) só que neles é engraçado, na gente é morte, na gente, a gente vira alvo. (OKEREKE, 2017, informação verbal)<sup>7</sup>

## CONCLUSÃO FINAL:

Sendo assim, é imprescindível e inegável que o empoderamento negro em todos os âmbitos perpassa pela valorização da estética periférica que, como apontado por Azevedo, é estritamente negra, já que, tem sua base e manutenção nas tradições orais, artísticas, religiosas e corporais da diáspora negra, e que, as artes e as redes sociais são meios essenciais para que esses movimentos ganhem força e façam as suas manutenções, uma vez que, são espaços de controle de imagem, e como apontado por HOOKS (2019) os supremacistas brancos reconheceram que controlar as imagens é central para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial. Além de que, ALEXANDRE (2020) artistas, galeristas, críticos, curadores, historiadores, mecenas e colecionadores são agentes que detêm códigos desse campo específico, que constroem imagens, mundos, passados e futuros. A arte é um celeiro de cultura. Chamar a atenção da comunidade preta para esse campo é uma estratégia profética de ascensão e tomada de poder. Principalmente quando se trata de um país que teve e ainda tem muitos a favor de ideias eugenistas como apresenta Ana Paula:

Stepan (2005, p.149) destaca que a eugenia era, acima de tudo, um “movimento estético biológico, preocupado com a beleza e a feiura, pureza e contaminação, conforme estas se representavam na raça”. A autora afirma que Afonso L. Herrera, evolucionista mexicano, previu um futuro no qual a ciência laboratorial realizaria o sonho da humanidade realizar o paraíso na Terra, isto é, que o intelecto, a beleza, a forma e a virtude reinariam. A beleza e a forma das quais falava eram “helênicas”, eurocentradas (SANTOS, 2017, p. 64)

<sup>4</sup> Entrevista de fulano de tal cedida para o Instituto Inclusartiz durante a ativação “Descoloração Global” em 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tnCojZjanm0&t=182s>.

<sup>5</sup> Pessoas de classe média e alta.

<sup>6</sup> Óculos espelhado da marca Oakley que tem um alto custo e que é muito utilizado por jovens periféricos para ostentar, mesmo que não seja original.

<sup>7</sup> Comentário realizado por Tracie na série documental *Afronta* dirigido por Juliana Vicente em 2017.

## BIBLIOGRAFIA

- AFRONTA. 1ª temporada. Tasha & Tracie Okereke. Direção: Juliana Vicente. Produção: Juliana Vicente e Thais Morresi. Canal Futura. Brasil, 2018 (12 min.), Plataforma Digital. Netflix. Acesso em 20 de Jan. 2021.
- AFRONTA. 1ª temporada. Karol Conká. Direção: Juliana Vicente. Produção: Juliana Vicente e Thais Morresi. Canal Futura. Brasil, 2017 (14 min.), Plataforma Digital. Netflix. Acesso em 20 de Jan. 2021.
- AZEVEDO, Amailton Magno. ESTÉTICA NEGRA E PERIFÉRICA: FILOSOFIA, ARTE E CULTURA. RTH (Revista de Teoria da História), Goiás - GO, vº 22, nº 2, p. (36 -), Dez., 2019.
- BERTH, Joice. Empoderamento. 1ª Edição. São Paulo: Pólen, 2019.
- CABEÇAS DA PERIFERIA: FAUSTINI, Marcus (org.). JESSÉ ANDARILHO - A escrita, a cultura e o território. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.
- CABEÇAS DA PERIFERIA: FAUSTINI, Marcus (org.). TAÍSA MACHADO - O Afrofunk e a ciência do rebolado. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.
- CAMPOS, Marcelo; ALEXANDRE, Maxwell. Maxwell Alexandre: Pardo é papel. Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, 2019. Catálogo de exposição, Nov.- Mai. 2020, MAR.
- CONNELLY, F. M.; CLANDININ, J. *Narrative and story in practice and research*. New York: Teachers College Press, 2000.
- CLEMENTE, C.; DA SILVA, J.C.G. Dos quilombos à periferia: Reflexões sobre territorialidades e sociabilidades negras urbanas na contemporaneidade. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*. v.4,n.1,Dossiê: Relações Raciais e Diversidade Cultural, jul. 2014.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 2. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 177.
- GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 3ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- HOOKS, bell. *Olhares Negros: Raça e representação*. 1ª Edição. São Paulo: Elefante, 2019.
- HOOKS, bell. *Anseios: Raça, gênero e políticas culturais*. 1ª Edição. São Paulo: Elefante, 2019.
- INCLUSARTIZ, Instituto. Maxwell Alexandre - Ativação "Descoloração Global". Youtube, 7 de Abril. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tnCojZjanm0>>.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LIMA, Raquel. *Afrofuturismo: A construção de uma estética [artística e política] pós-abissal*. Lisboa: CIES, ISCTE-IUL, 2019. Disponível em: .<<https://docplayer.com.br/123923514-Afrofuturismo-a-construcao-de-uma-estetica-artistica-e-politica-pos-abissal-raquel-lima-1.html>>. Acesso em: 31 Jan. 2021.
- MACHADO, Adilbênia Freire. *Filosofia Africana para descolonizar olhares: Perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais*. # Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v.3, n.1, 2014.
- MC'S, Racionais. *Sobrevivendo no inferno*. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva "Escrivência" em *Becos da memória*, de Conceição Evaristo. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621-623, ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf> Acesso em 21 de Abr. de 2021.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. 1ª Edição. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira dos. *Tranças, turbantes e empoderamento de mulheres negras: artefatos de moda como tecnologias de gênero e raça no evento Afro Chic (Curitiba-PR) 2017*. 146 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- SILVA, Luciane da. *CORPO EM DIÁSPORA: Colonialidade, pedagogia de dança e técnica* Germaine Acogny. 2017. 1 recurso online (281 p.) Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/331753>. Acesso em: 18 Jul. 2021.
- SILVA, Mona Lisa da. *Das ruas ao ciberespaço: ativismo e ciberativismo de mulheres negras*. 2019. 110f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Centro de Humanidades, Programa Associado de Pós-graduação em Antropologia Social, Fortaleza (CE), 2019.